

Artigo



ABÍLIO DE NEQUETE (1888-1960): OS MÚLTIPLOS CAMINHOS DE UMA MILITÂNCIA OPERÁRIA

Frederico Duarte Bartz*

Resumo:

Abílio de Nequete foi um importante militante do movimento operário brasileiro. Participou das grandes mobilizações de 1917 em Porto Alegre, aderindo aos ideais da revolução russa e fundando a União Maximalista em 1918, um dos primeiros núcleos do PCB, além de participar da fundação do Partido Comunista em 1922. Nequete foi também ortodoxo, republicano, espírita e, quando saiu do movimento operário, criou uma teoria política própria, a tecnocracia, e uma religião correspondente, o evidentismo. Estudando sua trajetória, espero compreender mais sobre os diversos caminhos de uma militância e também as diversas possibilidades de ação da classe operária.

Palavras-chave: biografia, militância, comunismo.

Abstract:

Abílio de Nequete was an important militant of the Brazilian working class movement. He participated of the great mobilizations of 1917 in Porto Alegre, adhering to the ideals of the Russian Revolution and establishing the União Maximalista in 1918, one of the first nucleus of the PCB, participating also in the foundation of the Partido Comunista in 1922. Nequete was also an orthodox christian, a republican, a spiritist and when he left the working-class movement, he created a political theory of his own, the technocracy and its corresponding religion, the evidentism. Studying his trajectory, I hope to understand more about the many ways of a militancy and the many possibilities of action of the working class too.

Keywords: biography, militancy, communism.

* Mestre em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Abílio de Nequete foi um destacado militante do movimento operário gaúcho. Imigrante libanês, barbeiro de profissão, se destacou por ter fundado um dos primeiros grupos que dariam origem ao PCB e também por ter sido o primeiro Secretário Geral do Partido Comunista do Brasil. A trajetória de Nequete, entretanto, não se resume a estes fatos, pois ele foi também mascate e professor da Escola de Comércio; foi ortodoxo, espírita e evidentista; foi republicano, maximalista e criou a tecnocracia, ou seja, sua vida foi marcada por múltiplos caminhos, assim como sua militância, o que resultou em uma apreensão bastante contraditória da figura de Abílio de Nequete. Alguns o consideraram um homem confuso, um ingênuo ou mesmo um farsante. De forma muito diferente, o próprio Nequete tentou fazer um balanço da sua trajetória, quando escreveu suas memórias nos anos 40, mas nestas não havia contradições, sendo sua trajetória compreendida como uma evolução contínua até formas melhores de consciência.

Não é meu objetivo aqui tentar descobrir o “verdadeiro Abílio de Nequete”, nem desmentir ou confirmar as versões que foram contadas, mas fazer um estudo de sua trajetória. Para tanto, usarei como principal fio condutor as referências que estão em seus cadernos de memórias, atualmente perdidos, mas que chegaram até nós pelas pesquisas feitas sobre ele por Sílvia Petersen e Irene Haas Rosito.¹ Além disso, para fazer um contraponto à visão de Nequete sobre si mesmo, recorri a diversos documentos do período em que ele militou no movimento operário, muitos dos quais de sua própria autoria. Acredito que a análise dos caminhos que Nequete percorreu podem dizer muito sobre as possibilidades ou mesmo as limitações de uma militância operária, assim como pode informar sobre as formas de ação do movimento operário gaúcho e brasileiro no começo do século.

¹ Tanto Irene Haas Rosito quanto Sílvia Petersen consultaram os manuscritos, que estavam sob os cuidados dos filhos de Nequete. Infelizmente estes volumes se perderam com o tempo.

Abílio Imigrante

Em 15 de fevereiro de 1888 nasceu Abílio de Nequete, na aldeia de Fih-el-Khoura, no norte do Líbano, com o nome de Obdo Nakat, no seio de uma família cristã ortodoxa. Perdeu a mãe muito cedo e aos dois anos seu pai, Miguel Nakat, imigrou para o Brasil, ficando o jovem Obdo com uma irmã mais velha, que também imigraria alguns anos depois. Aos 14 anos, em 1903, sem notícias do pai, ele decidiu viajar a fim de encontrá-lo, embarcando em um navio cargueiro em direção às terras brasileiras.

Chegando à cidade de Rio Grande, Nequete tomou contato com a comunidade árabe do lugar e, com as informações que obteve, se dirigiu para São Feliciano (atual cidade de Dom Feliciano), distrito de Encruzilhada do Sul. Neste local, Abílio de Nequete se tornou mascate, trabalhando junto a seu pai, mas a relação que tinha com ele parece ter sido muito conflituosa, até mesmo politicamente, já que Miguel era federalista e Abílio aderiu ao Partido Republicano. Em 1907 ou 1908 (quando ele tinha 19 ou 20 anos), Abílio mudou-se para Porto Alegre, onde aprendeu o ofício e começou a exercer a profissão de barbeiro (ROSITO, 1972, p. 2).²

A vivência na capital do estado e a nova profissão proporcionaram ao imigrante libanês uma profunda mudança de vida. São Feliciano, onde Nequete primeiro se estabeleceu, era uma pequena localidade entre as Serras do Sudeste e as Várzeas da Lagoa dos Patos, uma região economicamente depreciada, de população rarefeita e com pequenos núcleos urbanos. Na capital, Nequete foi viver na Rua Conde de Porto Alegre, em pleno Quarto Distrito, núcleo industrial da cidade, local de morada dos operários fabris e sede dos principais sindicatos.³

² As anotações de Sílvia Petersen sobre os cadernos de memórias de Nequete seguem as indicações de Irene Haas Rosito, mas como não foram sistematizadas, não havendo nelas datas nem referências bibliográficas, tomando forma de anotações datilografadas, não farei referências delas no texto.

³ Sobre esta região, ver a reportagem “Uma cidade dentro da cidade” publicada n’*A informação*, Porto Alegre, 18. Out. 1921 (PETERSEN e LUCAS, 1992, p. 237-242).

O seu novo trabalho também contrastava em tudo com sua antiga atividade, pois à transumância e ao desarraigamento do mascate, estava seu trabalho na barbearia; lugar de encontros, de convivência, de conversas, de discussões sobre os problemas do mundo, que aqueles que deixavam o cabelo e a barba aos cuidados de Abílio traziam, entre os movimentos sincopados do seu pente e da sua tesoura. Foi em Porto Alegre, a propósito, onde lhe ocorreram duas grandes transformações: a conversão ao espiritismo e a entrada no movimento operário.

A primeira se deu a partir de dois episódios. Em 1913, caiu-lhe nas mãos um livro sobre hinduísmo, que comparava a vida de Krishna à vida de Cristo. A sua leitura lhe causou uma forte impressão, que foi reforçada pelas semelhanças que encontrava entre as diversas crenças religiosas, enquanto estudava história universal. Em 1916, ele estava imerso em estudos sobre sociologia e encontrou um livro sobre “sociologia hindu”, na biblioteca da Sociedade Espírita Allan Kardec (provavelmente a coleção de fábulas *Calila e Dimna*), que tinha em seu prefácio a biografia de um médico e filólogo persa (provavelmente o filósofo Burzoé). O que mais lhe marcou neste livro foi a atitude deste sábio em relação à religião, pois, tendo sido um homem de tendência religiosa: “quis abraçar a melhor, porque a dos pais podia estar errada. Argumentado a respeito, para não se conformar com a idéia de seguir os pais, porque seria endossar aos que lhe seguem os vícios e diz ‘pretendem, aos que aconselham, evitar a discussão’. A lógica é de esmagar” (NEQUETE, 1954, p. 19).⁴

Para ele isto deveria ser muito significativo, tanto pela relação atribulada que tinha com o seu pai, o que o faria admirar esta atitude de voltar-se contra as crenças dos progenitores, quanto pelo fato de ter entrando em contato com novas idéias e um novo modo de vida. Sua terra natal, seu pai, sua profissão de mascate, sua religião: Porto Alegre ofereceu ao jovem imigrante libanês a

⁴ O episódio é descrito em uma carta que Abílio de Nequete escreveu em 1933, reproduzida em um dos seus *Extratos evidentes*, textos religiosos e filosóficos que Nequete passou a escrever a partir dos anos 40.

oportunidade de voltar as costas a tudo isso, abrindo-lhe portas para que ele trilhasse novos caminhos.

A própria forma como Abílio de Nequete se converteu ao espiritismo, por intermédio de exemplos da história universal e o estudo da sociologia, não pode ser considerada totalmente estranha em Porto Alegre no início do século XX. Neste mesmo período, militantes do movimento operário gaúcho como os irmãos Martins e Antônio Guedes Coutinho, seguiram o mesmo caminho de adesão ao espiritismo e, como aconteceu com Nequete, a fé religiosa acompanhava o estudo das ciências sociais e da filosofia (SCHIMIDT, 2001, p. 1-2). Assim como estes militantes, Nequete também iria aderir às teorias de reforma social. Este processo, entretanto, não aconteceria somente por intermédio de suas leituras, mas deveu-se a uma grande mobilização social.

Abílio Militante

No ano de 1917, Abílio de Nequete presenciou as violências populares contra os alemães em Porto Alegre, por ocasião da campanha pela entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial. Tais violências o deixaram comovido e isto lhe convenceu da necessidade de organizar a população. Sendo verdade ou não esta afirmação, é certo que sua primeira incursão no movimento operário se deu em agosto daquele ano, durante a greve geral, quando fez parte da Liga de Defesa Popular, organismo criado *ad hoc* pelos operários grevistas para gerir aquela paralisação (SILVA JR, 1994, p. 302-340). Apesar de ser um “novato” no movimento, Nequete ocupou um papel de destaque na nova organização, tornando-se editor do *A Epocha*, jornal editado pela referida Liga. Este fato pode indicar que, mesmo não tendo atuado antes em associações operárias, sua condição de barbeiro pode tê-lo tornado um sujeito conhecido e com capacidade de articular contatos pessoais; seu interesse por questões filosóficas deve ter lhe conferido um “status” especial, como um trabalhador letrado a quem poderia ser confiada a editoria de um jornal.

Com o fim da greve geral e a perda de combatividade da Liga, Nequete partiu, em dezembro de 1917, para uma iniciativa pessoal de militância, distribuindo panfletos entre os militares de baixa patente, tentando assim aproximá-los dos operários. O panfleto, “*Ao povo rio grandense*”, vinha assinado por um “Grupo de Operários e Soldados Brasileiros”, tinha uma retórica bastante nacionalista, mas procurava sensibilizar os soldados da situação de penúria dos trabalhadores, sugerindo que estes suspendessem o pagamento dos seus aluguéis, para doar 5% da quantia para a Cruz Vermelha Brasileira e para o desenvolvimento da aviação (Ao povo riograndense, 1917). O ato foi considerado subversivo e foi aberto contra ele um Inquérito Policial Militar.

Foi neste momento que Nequete se aproximou da revolução russa. Ele afirma, em suas memórias, que durante a Primeira Guerra Mundial, pela sua origem cristã ortodoxa, havia se solidarizado com a Rússia e que sofrera muito com as suas derrotas (ROSITO, 1972, p. 3). Quando os bolchevistas venceram a revolução, ele passou a admirar a Rússia dos Soviets, aderindo a seus ideais. Alguns dos depoimentos levantados no Inquérito de 1917 parecem confirmar esta aproximação. Apesar de ter sido acusado de apoiar o Império Alemão na guerra, Nequete foi descrito como um anarquista defensor da Rússia revolucionária e como um “amigo da Sérvia” (principal aliada da Rússia na Europa Oriental).

Uma explicação plausível do que pode ter acontecido com Abílio de Nequete foi uma identificação com a revolução feita através de uma “lente” étnico-religiosa. O Império Russo havia se constituído como inimigo do Império Otomano e como protetor dos cristãos do Oriente Médio. Levando-se em conta a sua tradição cultural, o que Nequete deve ter feito foi transferir seu afeto da Rússia redentora da cristandade oriental para uma nova Rússia, libertadora do proletariado mundial, transferência feita justamente quando ele estava engajado nas lutas do proletariado portoalegrense.

Abílio de Nequete continuou engajado nessas lutas, mesmo depois de seu proselitismo frustrado entre os militares, passando a atuar, em 1918, junto

aos anarquistas da União Operária Internacional. Entre estes militantes Nequete não se sentiu bem porque algumas de suas concepções, como sua fé espírita, se chocavam contra idéias defendidas pelos anarquistas, como o ateísmo. Devido a estes atritos, Nequete decidiu sair da União Operária Internacional para fundar, com Francisco Merino e Otávio Hengist, a União Maximalista, no dia 1º de novembro de 1918.

Em uma carta de 1922, Abílio de Nequete explica a fundação da União Maximalista como consequência da atitude dos anarquistas diante do seu apoio à revolução de outubro: “Uma das causas principais do grupo usar o nome UNIÃO MAXIMALISTA foi a hostilidade que já começavam a desenvolver os anarquistas da UNIÃO OPERÁRIA INTERNACIONAL, a qual pertenciam os três membros fundadores da UNIÃO MAXIMALISTA” (NEQUETE, 1922, p. 5). Apesar de associar o surgimento do grupo à hostilidade dos libertários, isto não se confirma pelos textos publicados no *A Luta* (órgão de imprensa da União Operária Internacional), que davam total apoio àquela causa. O estudo de outros jornais operários daquele mesmo período mostra, muito pelo contrário, que a União Maximalista não tinha mais legitimidade que outros grupos para falar em nome da revolução, o que faz com que a imagem de Nequete como primeiro militante comunista do Rio Grande do Sul deva ser bastante matizada. O que pode se depreender pela explicação do nome dado à União Maximalista é que, por mais que Abílio se pensasse em oposição aos anarquistas, a constituição da sua associação teve como modelo um grupo anarquista, o que mostra que sua convivência com os libertários não lhe trouxe somente ressentimentos, mas lhe deu também uma experiência de organização política.

Assim como as outras organizações anarquistas, a União Maximalista atuou entre os sindicatos e organizou greves operárias. Foi pela atuação dos maximalistas na paralisação dos marceneiros e metalúrgicos, em 1919, que a associação ganhou novos adeptos, entre os quais Carlos Tóffolo, presidente da União Metalúrgica de Porto Alegre. Com estas ações, a União Maximalista se tornou, ao longo daquele ano, uma peça importante no jogo de forças do

movimento operário da capital, com Nequete participando das reuniões da FORGS (sob hegemonia dos anarquistas da União Operária Internacional), mas também se relacionando com os militantes do Sindicato da Força e Luz, liderados por Orlando de Araújo Silva, rival dos anarquistas da Federação.

Nequete estava junto de Orlando de Araújo e Silva, inclusive, quando ocorreu o trágico comício do Dia da Independência. O Sindicato da Força e Luz havia convocado um *meeting* em frente à Intendência, mas este foi proibido pela Brigada Militar, o que causou um grande confronto, com troca de tiros e um operário morto. O resultado do confronto foi o fechamento das associações de classe e a prisão das principais lideranças operárias, entre as quais Abílio de Nequete (PETERSEN, 2001, p. 361-370).

Depois deste episódio, a repressão se intensificou sobre os operários organizados de Porto Alegre. Neste momento, paradoxalmente, tanto a União Maximalista, quanto Abílio de Nequete, aumentaram sua presença dentro da Federação Operária do Rio Grande do Sul. Esta “presença” pode ser medida, por exemplo, pelas inserções n’ *O Syndicalista*, órgão oficial da FORGS: antes do Sete de Setembro, a União Maximalista aparecera apenas em uma nota, publicada no dia 6 de julho, em que se pediam livros para a formação de uma biblioteca (*O Syndicalista*, 2/8/1919, p. 4); depois, quando se intensifica a repressão, Abílio ganha até uma coluna no jornal chamada *As evidentinas*⁵ (*O Syndicalista*, 24/11/ 1919, p. 1).⁶ É difícil encontrar uma explicação para esta mudança, mas algo que pode justificar isto é uma necessidade de autodefesa, ou seja, a formação de uma “frente comum” entre os principais grupos operários da capital para enfrentar um Estado que se tornava mais violento.

Além desta inserção n’ *O Syndicalista*, Nequete participou, em outubro de 1919, de uma reunião das lideranças operárias do estado com um dos redatores

⁵ O nome *As evidentinas* se refere ao seu pseudônimo, “Máximo Evidente”.

⁶ O jornal apresenta uma errata na 2ª página indicando como data correta 24 de janeiro de 1920.

do *A Plebe*, que viera de São Paulo para conseguir a adesão dos militantes gaúchos a uma insurreição que iniciaria na capital paulista e envolveria organizações operárias de várias regiões do país.⁷ Abílio ficou com a incumbência de viajar até a zona sul do estado para decretar uma greve geral em Pelotas e Rio Grande, mas a revolução paulista acabou se frustrando, tendo ele aproveitado a viagem para recolher endereços de publicações marxistas argentinas.

Outro indício de um aumento de prestígio foi ter participado, juntamente com Friedrich Kniestedt e Carlos Tófollo (também da União Maximalista), da comissão preparatória do 2º Congresso Operário Regional de 1920. Neste Congresso, Nequete apresentou uma proposta de adesão da FORGS à III Internacional, entrando em choque com o anarquista Friedrich Kniestedt, que foi contra sua aprovação. Kniestedt era um operário alemão que havia se definido, em sua experiência de militante, em contraposição aos marxistas do Partido Social Democrata.⁸ É provável que visse com maus olhos o crescimento da União Maximalista e, por ocasião do Congresso, aproveitou para tentar rechaçar sua influência. Ao fim e ao cabo, a proposta de Nequete foi rejeitada, o que teve como consequência o seu abandono da reunião e o afastamento da União Maximalista da órbita da Federação.⁹

Este distanciamento da FORGS deve ter restringido muito o campo de ação dos maximalistas, já que se vivia um momento em que as portas para a atuação dos militantes se fechavam e as esperanças se perdiam sob o peso da

⁷ Esta tentativa de insurreição pelos operários de São Paulo, descrita por Nequete, é confirmada por Everardo Dias na sua *História das lutas sociais no Brasil* (1977, p. 90-91).

⁸ Mais informações sobre a trajetória de Kniestedt e sobre o seu ponto de vista daquele Congresso podem ser encontradas na sua autobiografia, publicada no jornal *Aktion* e organizada por René Gertz com o nome de *Memórias de um imigrante anarquista*.

⁹ O boletim do Congresso relata uma longa discussão a partir de uma tese lançada por Nequete, mas não esclarece sobre a proposta, nem indica que ele tenha abandonado a FORGS (PETERSEN, 2001, p. 376-383).

reação. Este pode ter sido um dos motivos pelos quais Abílio de Nequete procurou um novo campo de ação para sua militância: os grupos comunistas dos países platinos.

Nequete teria encontrado, em princípios de 1921, o periódico *Justícia*, do Partido Socialista Uruguaio, e nele se informou do debate sobre a adesão daquele grupo à III Internacional. Ao saber disso, Abílio de Nequete estabeleceu correspondência com o deputado Celestino Mibelli, que era favorável à adesão imediata, o que resultou na troca de informações e na criação de um laço da União Maximalista com os comunistas do Uruguai. De forma concomitante, Nequete estabeleceu correspondência com o Grupo Comunista do Rio de Janeiro, mudando o nome da União Maximalista para Grupo Comunista de Porto Alegre. Em fevereiro de 1922, Abílio de Nequete é chamado à capital uruguaia e tem um encontro com um delegado soviético para a América Latina, o russo-argentino Alex Alexandrovsky (ROSITO, 1972.). Em sua estada em Montevideú, Nequete produziu um relatório, bastante pessimista, sobre o movimento operário brasileiro em que culpava a repressão e a ação da militância anarquista pela desorganização do movimento operário brasileiro. Abílio voltou do Uruguai com a incumbência de ativar seus contatos com os outros grupos do país para fundar um Partido Comunista no Brasil. O teor do relatório, entretanto, já antecipava algumas das dificuldades que ele teria para levar adiante esta missão.

O Partido Comunista do Brasil foi organizado entre 25 e 27 de março de 1922. Abílio de Nequete tornou-se Secretário Geral do Partido, mas a relação que estabeleceu com seus companheiros foi extremamente conflituosa (FOSTER DULLES, 1977, p. 148-149).¹⁰ Nas suas memórias, ele afirma ter se desgostado com muitas coisas, como o preço do aluguel pago pela sede do Partido, a falência

¹⁰ Otávio Brandão, em suas memórias, diz ter sido Nequete um fanfarrão, covarde e um charlatão que nada fez pelo movimento operário brasileiro; caracterizou-o, além disso, como um antianarquista (1978, p. 243).

da sua tipografia, o sumiço do dinheiro a ser enviado para os flagelados da Rússia, mas, acima de tudo, com a orientação política de seus companheiros, impregnada de anarquismo. Em 1923, quando já havia se afastado do cargo de Secretário Geral, o PC do Uruguai lhe pediu um relatório sobre o comunismo no Brasil, ocasião em que transcreveu todas estas denúncias. Como resposta, a comissão executiva do PCB encarregou Otávio Brandão de preparar outro relatório, sobre a atitude de Nequete. Ele acabou sendo expulso como traidor.¹¹

Abílio Tecnocrata e Evidentista

Nequete conta sua saída do PCB de outra forma. Em 1923, ao receber a notícia da derrota dos trabalhistas britânicos, teria se convencido definitivamente que o operariado não era uma classe revolucionária, o que fez com que ele abandonasse o comunismo. Qual seja a versão correta, este era o sinal de que estava se completando um longo processo, em que Abílio de Nequete foi se afastando das associações operárias e foi fechando assim suas possibilidades de atuação entre elas. Tal movimento pode ter decorrido de algumas características particulares da sua personalidade, como a intransigência, a necessidade de disciplinar tudo ou a dificuldade de conviver com quem não partilhasse das suas convicções. Seria um erro, porém, culpar apenas Nequete por este isolamento, já que se vivia um período em que o campo para a atuação dos militantes ia se restringindo cada vez mais, sob o peso do Estado de Sítio do governo Artur Bernardes, das represálias contra as revoltas tenentistas e, no Rio Grande do Sul, com o clima de violência despertado pela Guerra Civil de 1923.

¹¹ A expulsão acabou sendo efetivada pelo Centro Comunista de Porto Alegre, como se pode ver na Resolução de expulsão de Abílio de Nequete do PCB. (Centro Comunista de Porto Alegre), Porto Alegre, 1924.

Depois de abandonar o PCB (ou de ter sido expulso), Nequete vai tentar se aproximar do Partido Republicano Riograndense; pelo menos é o que parece por um panfleto de fevereiro de 1924, em que Nequete, mesmo estando fora do PCB, conclamava os “companheiros comunistas” a votar na chapa republicana em maio daquele ano.¹² O apoio teria mais um caráter “moral” do que oficial, mas com isso se esperava apoio para a libertação de Leopoldo Silva, preso durante a greve de 1919, além de visar um espaço no *A Federação*, órgão do PRR, para a divulgação das idéias comunistas, enquanto não se editasse um jornal próprio.

A dissidência comunista parece não ter tido muita importância, pois Nequete sequer fala dela em suas memórias; já a aproximação com o borgismo resultaria na sua adesão à Liga dos Operários Republicanos, da qual aparece como filiado em 1925. Mas o panfleto de 1924 prenunciava algo mais importante, a necessidade de se atrair a classe dos técnicos para se conseguir os objetivos de mudança social: “Sem o elemento inteligente nenhum partido vencerá. Basta saber definir o operariado: médicos, engenheiros, astrônomos, químicos, militares, artistas e todos os trabalhadores, quer manuais, quer intelectuais, para que se dissipem muitas dúvidas” (NEQUETE Apud RODRIGUES, 2005, p. 237).

Abílio de Nequete relata que, em novembro de 1924, estava conversando com um amigo sobre a possibilidade de fundar um novo partido e recebeu como resposta que tal plano só funcionaria se os técnicos aderissem. A partir daí, surgiu a idéia da tecnocracia, uma teoria política que tinha na classe técnica a base de apoio para as transformações sociais. Mesmo que esta conversa com um amigo possa tê-lo influenciado a concretizar a idéia da tecnocracia, o panfleto de fevereiro mostra que Nequete já estava tentando se aproximar dos técnicos,

¹² O panfleto é reproduzido por Edgar Rodrigues em seu livro *Um século de história política e social em documentos*. RODRIGUES, Edgar. *Um Século de História Política e Social em Documentos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005, p. 237.

apesar de ainda se dirigir aos operários em sua militância. Em 1925, quando escreve no *A Evolução*, jornal da Liga de Operários Republicanos, ele não considera mais os operários dignos de atenção. Em um artigo em que tenta rebater o historiador Aurélio Porto sobre a questão do imposto único, ele afirma, depois de elogiar o papel dos técnicos na sociedade, que “Um exame assim desapaixonado, levou-me a considerar os técnicos como os únicos produtores, os únicos sustentadores de tudo, considerando os trabalhadores manuais como os mesmos parasitas” (*A Evolução*, 30/11/1925, p. 3).¹³ Não só se completava o processo em que Abílio de Nequete se afastava das organizações operárias, mas ele voltava as costas à própria classe trabalhadora. As suas novas idéias iam ser coligidas em um pequeno livro lançado em 1926, chamado *A technocracia: O V estado*.

Neste livro, Nequete defende a idéia de uma evolução da humanidade em cinco estágios, iniciando pelas civilizações antigas, passando pela fase feudal, que seria superada pelo capitalismo e esta, por sua vez, pelo comunismo. Mas o comunismo seria superado pelo estado tecnocrático, pois os técnicos deveriam ser os responsáveis pela reorganização da sociedade. A estrutura de seu livro era muito similar ao manifesto comunista de Marx, encerrando com a frase “técnicos de todos os países, uni-vos” (NEQUETE, 1926, p. 36). Não é absurdo pensar que Nequete tinha por objetivo se tornar o Marx dos técnicos!

Em 1927, ele fundaria um Partido Tecnocrata (que recebeu apenas 15 votos nas eleições para deputado estadual), que tinha como presidentes honorários Madame Curie, Albert Einstein, Santos Dumont e Thomas Edison, considerados por Nequete os maiores técnicos do mundo.¹⁴ O próprio Abílio de Nequete, no

¹³ *A Evolução*. Porto Alegre, p. 3, 30, nov, 1925.

¹⁴ A organização e os objetivos do Partido Tecnocrata, além de outras questões que não estão contempladas no livro *Tecnocracia: o V estado*, são aprofundados no *Ideário tecnocrata Solução definitiva das questões sociais. (conjunto de argumentos doutrinários em defesa da nova idéia)*, de 1932.

fim das contas, acabou se tornando um técnico, pois abandonou a profissão de barbeiro e passou a lecionar na Escola de Comércio. Nos anos seguintes, ele se dedicou a desenvolver a face espiritual da tecnocracia, o evidetismo, doutrina religiosa que ligava a evolução espiritual à evolução social da humanidade. O cristianismo, o kardecismo, o bolchevismo, a tecnocracia...todas as correntes de pensamento foram amarradas em um feixe de idéias que tinha como centro a esperança na evolução da humanidade em direção à um futuro melhor. Poucos companheiros sobraram nesta fé quase solitária, a que Nequete dedicou os últimos anos de sua vida.

Abílio de Nequete faleceu no ano de 1960, depois de uma rápida enfermidade. Faleceu no início de uma década em que a esperança da revolução proletária voltaria a ser discutida com toda a força no Brasil, onde o PCB teria um de seus momentos de maior influência na vida política da República e os trabalhadores de novo levantariam seus sindicatos na busca de reformas sociais. Como Abílio de Nequete teria visto esta intensa movimentação? Será que, se Nequete tivesse vivido essa década cheia de expectativa e desilusão, o conheceríamos melhor? Qual seria a posição de sua doutrina sobre a ditadura, um regime que montou uma máquina tecno-burocrática como nunca se viu no país? Teria mudado de opinião ao ver como tão pouco humanos foram os técnicos? Sobre tudo isso só se pode fazer exercícios de imaginação histórica, já que as idéias de Nequete morreram junto com seu autor, e a tecnocracia, diferente do partido político que ajudou a fundar 38 anos antes, não deixou seguidores.

Considerações finais

Mais que um emaranhado de idéias, a trajetória e as concepções de Abílio de Nequete são testemunhas de diversas tradições que se cruzaram. Desde a religiosidade dos cristãos orientais até o desejo de revolução social dos

socialistas do ocidente, passando pela crença em um mundo melhor, que poderia vir tanto por uma redenção do espírito, quanto pelo poder modernizador da técnica; sua militância foi marcada pela tentativa de amarrar estes diversos feixes de experiências que pareciam convergir, o que acabou por resultar não apenas em um amontoado disforme de influências, mas em uma combinação bastante original, que certamente não encontraria expressão igual senão em Abílio de Nequete. Mais que uma expressão original de um militante, porém, os caminhos de Nequete pelo movimento operário mostram como suas concepções foram postas a prova no terreno das lutas sociais, como se modificaram suas ações e sua inserção entre os grupos de trabalhadores organizados quando da ascensão ou da repressão às suas mobilizações. Desta forma, a trajetória de Abílio de Nequete permite ver, na prática, como podiam ser diversos os caminhos da militância operária, nunca igual para todos, mas que, a partir de cada militante, permite ver um pouco do caminho trilhado pela própria classe operária.

Artigo recebido em setembro de 2008; aprovado em novembro de 2008.

Fontes Impressas, Manuscritas e Datilografadas

A Evolução. Porto Alegre, 1925.

Carta de Abílio de Nequete ao Comitê Executivo da Internacional Comunista. Montevideú, 1º de fevereiro de 1922. (Centro de Documentação e Memória da UNESP, São Paulo).

Grupo de Operários e Soldados Brasileiros. Ao povo rio-grandense, Porto Alegre. dez, 1917.

Anexo ao Inquérito Militar 1432, do Foro Federal de Porto Alegre.

O Syndicalista. Porto Alegre, 1919-1920.

Resolução de expulsão de Abílio de Nequete do PCB. (Centro Comunista de Porto Alegre). Porto Alegre, 1924. (Centro de Documentação e Memória da UNESP, São Paulo).

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *Anotações das “Memórias de Abílio de Nequete”*. Datilografado. s/d.

ROSITO, Maria Irene Haas. *O Pensamento político de Abílio de Nequete*. Trabalho da Disciplina de Ciência Política do Bacharelado de Ciências Sociais da PUC: Porto Alegre, datilografado, 1972.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Octávio. *Combates e Batalhas - Memórias*. São Paulo: Alfa-Omega, 1978.

DIAS, Everardo. *História das Lutas Sociais no Brasil*. São Paulo: Alfa-Omega, 1977.

FOSTER DULLES, John W. *Anarquistas e comunistas no Brasil. (1900-1935)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KNIEDESTEDT, Friedrich. *Memórias de um Imigrante Anarquista*. Tradução, Introdução, Epílogo e Notas de Rodapé: René E GERTZ. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia e Espiritualidade Franciscana, 1989.

NEQUETE, Abílio de. *Extrato Evidentino nº 7*. Porto Alegre, julho de 1954.

NEQUETE, Abílio de. *Ideário Technocrata. Solução definitiva das questões sociais. (conjunto de argumentos doutrinários em defesa da nova idéia)*. Porto Alegre: Gündlach, 1932.

_____. *Technocracia. O V estado*. Porto Alegre: Globo, 1926.

RODRIGUES, Edgar. *Um Século de História Política e Social em Documentos*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz. *“Que a união operária seja nossa pátria”: história das lutas dos operários gaúchos para construir suas organizações*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2001.

PETERSEN, Sílvia Regina Ferraz e LUCAS, Maria Elizabeth. *Antologia do Movimento Operário gaúcho. 1870-1937*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS/tchê!, 1992.

SILVA JR, Adhemar Lourenço. *“Povo! Trabalhadores!”: tumultos e movimento operário (estudo centrado em Porto Alegre 1917)*.

Porto Alegre: PPG em História da UFRGS, 1994. (dissertação de mestrado)

SCHIMIDT, Benito Bisso. O Deus progresso. *Revista Brasileira de História*: São Paulo, V.21, n.41. São Paulo, 2001.